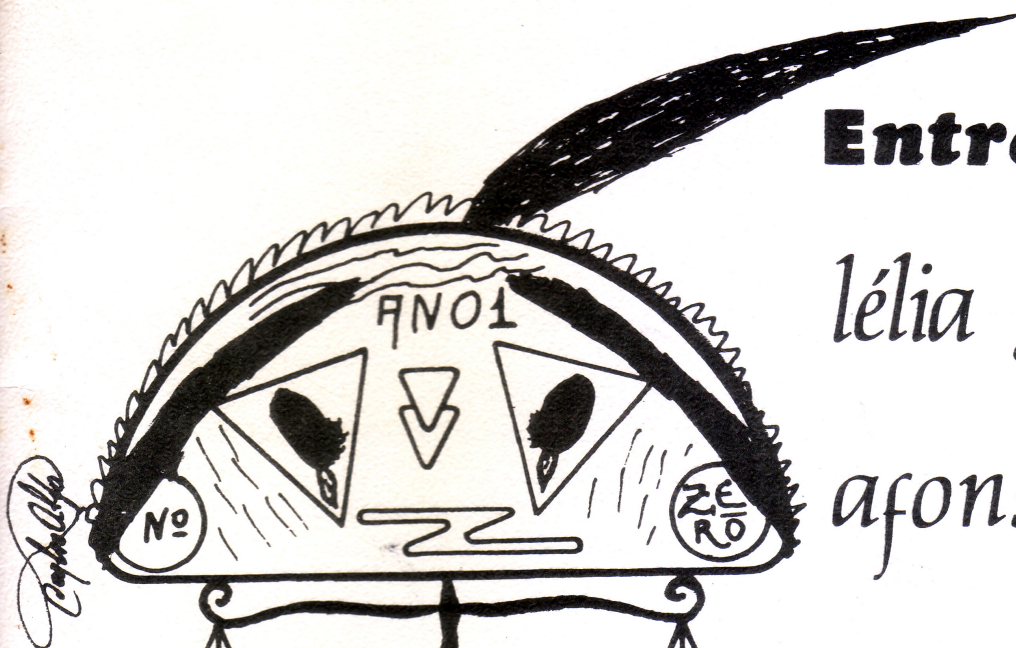


# REVISTA DO CAEL

Preço: U\$ 000,00

**Entrevistados:**

*lélia gonzalez  
e  
afonso arinos*



PRINCÍPIO DA ISONOMIA. Igualdade substancial? Igualdade Formal?

§5º É plena a liberdade de consciência...

§6º Por motivo de crença religiosa ou de  
§§§§§convicção filosófica ou política, nin  
§§§§§guem será privado de qualquer dos seus  
§§§§§direitos... §15... Não haverá foro pri

villegiado nem tribunais de exceção. §31 Qq.  
cidadão será parte legítima para propor a  
ção popular que vise a anular atos lesivos  
ao patrimônio de entidades públicas. §10 A  
casa é o asilo inviolável do indivíduo; nin  
guém pode penetrar nela, à noite, sem con-  
sentimento do morador, a não ser em caso de cri-  
me ou desastre, nem durante o dia, fora dos casos  
e na forma que a LEI estabelecer...

AGOSTO 83



# ENTREVISTAS

**L**ÉLIA DE ALMEIDA GONZALEZ é conhecida militante do movimento negro e do movimento das mulheres. Professora de Antropologia e de Cultura Popular Brasileira, licenciada em Filosofia e História e Mestre em Comunicação, Lélia escreveu vários artigos sobre o racismo e participou de conferências e seminários, no Brasil e no exterior, sobre o negro e a mulher, é primeira suplente a Deputada Federal pelo PT, membro da assessoria política da Vereadora Benedita da Silva, Secretária-Geral da Assessoria Política do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras, membro do Movimento Negro Unificado... Com a simpatia que a caracteriza, recebeu, na tarde de 31-7-83, os estudantes de Direito da PUC/RJ Carlos Alfa, Marcelo Santos, Rogério Faro e Leila de O. Lima. Transcrevemos quase toda a conversa:

CAEL - Diante dos atuais acontecimentos, diante do aprofundamento da crise, diante de greves políticas após tanto tempo, diante do CONCLAT marcado para agosto, e da proposta de nova greve geral, diante de tudo isto, qual a sua expectativa?

LÉLIA - O momento histórico que estamos vivendo é da maior importância, porque nós estamos percebendo que as classes trabalhadoras, depois de um período de altas repressões, elas se organizam, a partir dos anos setenta, e começam a ter uma atuação mais incisiva com relação ao "reinado" que existe neste país, já que nós não temos um sistema político que poderia ser chamado de República Federativa. O que nós temos é uma "monarquia", que até há pouco tempo atrás nós chamávamos de Ditadura.

Em um momento como este, de crise séria para o país, evidentemente que a realização do CONCLAT e a realização das greves é da maior importância. Embora as duas últimas greves, uma determinada pelo PT e outra pelo outro grupo, embora elas tenham apontado para uma falta de unidade dentro das classes trabalhadoras, eu acredito que isso seja superado a partir das conversações de que estamos tendo notícia. Eu acredito que, sobretudo a partir do CONCLAT, as manifestações das classes trabalhadoras sejam unitárias, efetivamente unitárias, e, portanto, com um alcance político muito maior. Não adianta ficar, por exemplo, o Lula e o PT de um lado, e o Joaquinção do outro; o momento é de unir, porque já chega de tanta manipulação da força de trabalho, dos salários. Está aí a situação do pessoal do IBGE, que denunciou e que foi demitido, demonstrando como, num país como o nosso, o autoritarismo e a irresponsabilidade daqueles que detêm o poder são enor-



nes, não levando em consideração a grande massa que está aí e que produz efetivamente.

Enfim, é por aí que eu vejo a situação atual. Eu diria que a estou vendo com otimismo, no sentido da organização e no sentido de uma efetiva atuação política, isto é, da greve política.

CAEL - A unidade da classe trabalhadora parece, então, fundamental...

LÉLIA - A minha esperança é justamente essa, que as diferentes correntes, divergentes na estratégia que querem desenvolver, se unam nesse momento de crise. Historicamente, nós percebemos que nas situações limites tem que haver unidade.

CAEL - E como fica o negro nessa crise toda?

LÉLIA - Com relação à situação do negro, é claro que, numa crise como esta, do ponto de vista econômico quem mais sofre é ele. Se, numa situação dita normal, ele já é marginalizado dentro do sistema, ele sofre um processo de discriminação no que se refere à admissão no emprego..., pois neste país existe efetivamente uma divisão racial do trabalho — nos momentos de crise é ele quem mais sofre os efeitos do desemprego, do subemprego, dos salários baixíssimos, da fome.

Mais de oitenta por cento da população negra se concentra nas atividades manuais, ou seja, trabalhadores não qualificados, sobretudo na prestação de serviços, na agro-pecuária e em atividades de extração vegetal, isto é, justamente nos setores em que nós encontramos o "bóia-fria", o subemprego, altos índices de trabalhadores com carteira não assinada e coisas assim. Fica claro, portanto, que a dimensão racial tem um peso muito grande, no sentido de colocar a população negra numa situação realmente difícil; a pior, a meu ver, dentro da sociedade brasileira.

CAEL - E quanto à organização do movimento negro, como vai o processo de conscientização e de mobilização da população negra?

LÉLIA - Nós não podemos ficar falando de racismo e das práticas discriminatórias do país sem estarmos organizados. Em termos de Bahia, de S. Paulo, de Rio Grande do Sul, de Rio, o movimento negro está indo bem, muito bem, sobretudo em termos de Rio, em que nós vivemos um momento muito interessante no que se refere à questão negra. O Rio de Janeiro funciona atualmente como uma espécie de caixa de ressonância com relação a essa questão, justamente porque, em termos de eleições, o Brizola foi praticamente o único candidato a levar, em falas diretas e objetivas, a questão do negro, com todo um plano de fortalecimento da população negra.

Aqui no Rio, as diferentes tendências dentro do movimento negro, percebendo o momento histórico que nós estamos vivendo, estão atuando de maneira muito unitária, deixando de lado as divergências políticas,

ideológicas, etc., e se unindo no sentido de um trabalho efetivo, e isso, claro que autonomamente. O Governo dá apoio, mas a autonomia do movimento é algo que nós não podemos esquecer nunca.

Estamos organizando agora, por exemplo, o próximo 20 DE NOVEMBRO que, acredito, será algo extraordinário aqui no Rio. Estamos pretendendo fazer uma grande caminhada do movimento e convidando todas as outras entidades democráticas e abertas para dela participar. Estamos, ainda, trabalhando com o Departamento Geral de Cultura do Município, buscando desenvolver um projeto que leve às escolas municipais uma mudança, uma recuperação dos valores da cultura afro-brasileira, no contexto daquilo que se chama de cultura brasileira. Na medida em que educação significa a seleção de valores culturais a serem transmitidos, nós percebemos que, em termos de sociedade brasileira, existe um neo-colonialismo interno, pois os valores selecionados são aqueles ligados única e exclusivamente ao Ocidente, havendo, pois, uma visão etnocêntrica da nossa cultura. Tanto que nós temos o folclore, de um lado, e a cultura, de outro. As duas outras vertentes que contribuíram para a formação do povo brasileiro — não da nacionalidade brasileira, pois existem duas nações neste país —, essas duas outras vertentes, a africana e a indígena, são sempre recalçadas, são sempre vistas como selvagens, como primitivas. Quando nós vamos à Embrafilme, por exemplo, à Funarte, ou a instituições como essas, constatamos que tudo que diz respeito à produção cultural do negro e do índio está catalogado como folclore, enquanto que a contribuição ocidental, a contribuição européia, essa é colocada como cultura. O nosso trabalho é justamente no sentido de uma modificação disso. Se nós quisermos ter, efetivamente, um conhecimento da realidade brasileira, nós temos que unir essas duas nações: uma nação de cima — politicamente falando — que, evidentemente, é branca, é ocidental, é burguesa, capitalista, etc., e uma nação de baixo, que é parasitada pela de cima, onde está a massa trabalhadora, negra, pobre, indígena, mestiça, etc., que é quem produz efetivamente, quem dá o sangue e a carne, digamos assim, ao monte de ossos que a nação de cima possui. Esse tipo de trabalho, pois, é muito importante, e estamos tendo isso no Rio de Janeiro, neste momento.

Neste sentido, o movimento negro está muito bem, está tendo uma atuação unitária ou, melhor dizendo, democrática; uma efetiva prática democrática, reconhecendo as diferenças que existem, convivendo com essas diferenças e trabalhando conjuntamente em função do todo, que é a população negra.

CAEL - Haveria, no interior da classe média negra brasileira, correntes inelutavelmente divergentes?

LÉLIA - "Inelutavelmente" é uma palavra muito forte (risos). Existem divergências, claro, de perspectivas. Há uma classe média negra que,



tendo internalizado, acriticamente, a ideologia do branqueamento, quer ser a reprodução de uma classe média branca, de valores brancos — branco, aí, não no sentido de "cor da pele" —, ocidentalizantes, europeizantes, etc. Normalmente, a posição de tal classe, do ponto de vista político-ideológico é de direita. E há, por outro lado, uma classe média negra que, consciente do processo, não só da discriminação racial, como do colonialismo cultural, luta para a recuperação da população negra. É esta classe média negra que está no movimento, evidentemente.

CAEL - Como se dá essa internalização acrítica de que você falou?

LÉLIA - Vejam, eu estava falando da educação, da cultura dominante. Imaginem a cabecinha de uma criança negra quando vai para a escola, imaginem a cabecinha de uma criança negra vendo televisão, etc. Uma criança negra, quando vai para a escola, começa a perder a soltura, a espontaneidade. Por exemplo, se ela sai da comunidade favelada, onde vive — pegando um exemplo da favela —, ela começa a perder a sua espontaneidade de criança. Eu me lembro de uma dessas mulheres faveladas que participam de movimentos de favelas, de associações de moradores, etc.; ela dizia o seguinte: "Poxa, a barra tá pesando pra gente cada vez mais porque, com essa crise, a classe média branca tá botando seus filhos nas escolas públicas, então o racismo em cima das nossas crianças aumenta mais, bolas; já não chega o outro que a gente já tem?!". Quer dizer, a prática que se tem é justamente no sentido de apontar para a criança negra que ser negro é feio, é sujo, é horrível; e ser negro é ser pobre também. Então vejam, acontece que nas cabecinhas das crianças o que se vai perceber é justamente um envergonhamento com relação à sua própria comunidade, à sua cor, à sua cultura... e ela não vê nos livros didáticos, nas práticas pedagógicas... Por exemplo, "Dia das Mães": qual é a imagem de mãe que põem na cabeça de uma criança de escola pública? Uma mãe branca, loira, linda, maravilhosa, que não trabalha... Aí já não pega só a criança negra, porque ela é aquela mulher que não trabalha, que fica dentro de casa, e o marido é o provedor.

Então, a internalização do branqueamento é um negócio muito forte em todos os negros... Foi demonstrado, por um estudo de uma categoria do pensamento psicanalítico, a categoria do "ideal do ego", que o "ideal de ego" do negro é ser branco. Isto é explicado por todo esse processo colonizador, opressivo que vivemos. Negro, para uma criança negra que frequenta uma escola e quer sobreviver, como qualquer outra pessoa, é o pior possível. Assim, a pessoa vai passando por um processo de embranquecimento interno.

Nós, os negros, recebemos mensagens que nos entram por todos os poros no sentido de dizer que ser branco é que é o bom. Eu me lembro que, quando eu participei de um seminário, no ano passado, em Dakar, com mulheres do Terceiro Mundo, sobretudo africanas, onde a gente colo-

cava justamente isto: em termos de sociedade brasileira, a educação que nós recebemos aqui — educação esta tanto a formal, da escola, quanto a advinda dos meios de comunicação de massa, etc. — é a de que o grande barato é ser homem, branco e burguês. O oposto é ser o que? Mulher, negra e pobre. Tem-se dois pólos: o de dominação, efetiva, concreta, que está aí, e o do dominado.

Uma companheira de movimento negro nos afirmava, há poucos dias, que ela foi, juntamente com sua filhinha de cinco anos, a uma festa da escola, e percebeu que sua filhinha não a largava, se agarrava com ela o tempo inteiro, etc., quando na comunidade a criança é um azougue, é uma pimenta. Então ela disse: "Que é isto, menina, por que você está assim, tão agarrada, não me larga...?". A criança respondeu: "É porque as meninas daqui não gostam de mim". A mãe: "Mas, por que não gostam de você?". A menina, vejam, uma criança de cinco anos, respondeu tranqüilamente: "É porque eu sou preta, ora". Esse "ora" aí é sério, né. Significa: "Definitivamente, não sou digna de ser gostada, não sou digna de participar das brincadeiras da escola". Qual a estratégia de sobrevivência que você vai acabar desenvolvendo aí? É embranquecendo.

CAEL - A sociedade brasileira continua claramente colonizada. O professor, evidentemente, reproduz muito mais a cultura europeizante...

LÉLIA - É. O professor é o grande agente ideológico do que aí está. Reproduz mesmo — eu também sou professora, sei disto —; eu me lembro da minha experiência quando criança. Eu trabalhei muitos anos na rede escolar estadual e municipal... Me lembro de uma professora (classe média, branca, etc.) que chegou na sala dos professores de uma dessas escolas da periferia e, extremamente irritada, queria reprimir um menino — que se apresentava, efetivamente, como uma liderança; era um menino negro —, por causa de um colar de umbanda que ele trazia no pescoço e, segundo ela, estava amedrontando os outros com aquele colar. Quer dizer, um negócio surrealista. Então, ela passou o processo de repressão — talvez quem tivesse com medo era ela. A gente presencia coisas assim muito comumente, embora determinados setores do CEP (Centro Estadual de Professores) estejam tentando fazer um trabalho de conscientização do próprio professor com relação a isto...

Num livrinho intitulado LUGAR DE NEGRO (Editora Marco Zero Lt.), que eu e o Carlos Hasenbalg escrevemos, ele chama a atenção justamente para a contradição que a gente vive dentro da sociedade brasileira em termos de relações raciais: existe um discurso oficial, que é o da "democracia racial" e, a nível do privado, que é onde o ideológico é muito mais forte, tem-se o branqueamento, que vai-se dar a partir de estereótipos, a partir de ditados... como "Crioulo parado é suspeito, correndo é ladrão"; "Branco correndo é atleta, preto cor-



rendo é ladrão"... Coisas desse nível e que está nas cabeças das pessoas, agindo de maneira inconsciente no comportamento dessas pessoas. Vejam, por exemplo, o que vai acontecer amanhã, no Teatro Municipal; aquela homenagem a Clementina de Jesus. Claro que a burguesia branca está enfurecida... "Botar esse crioulo dentro do T. Municipal?! Onde já se viu? Eles vão chegar lá dentro e vão arrebentar o T. Municipal; são um bando de selvagens..." Nem se pára para pensar, por exemplo, que o T. Municipal é uma reprodução colonizadíssima do Teatro, de Paris. O que se quer é ser europeu; então, dentro do T. Municipal, não pode haver manifestações de uma cultura que é brasileira, como a ocidental também o é, claro; não há que negar...

CAEL - Você falou das divergências que existem no movimento negro. Essas divergências passariam pela forma de relacionamento entre a cultura negra e a cultura dominante?

LÉLIA - É claro que, dentro do movimento negro, deve-se levar em conta que nós temos como dever político nos aprofundarmos no que diz respeito à contribuição das culturas africanas para a formação cultural brasileira. Isto é importantíssimo porque, no contato com as comunidades negras, tem-se determinadas formas, modos de agir e pensar, valores, etc., que não têm nada a ver com a cultura europeia que nós recebemos. Portanto, eu acho muito importante a atuação do movimento negro no sentido de valorizar a contribuição cultural africana e afro-brasileira.

É claro que, dentro do próprio movimento negro, encontra-se posturas mais ou menos ocidentalizantes.

Eu acho que nós não estamos aqui para recuperar uma cultura africana pura; isso é besteira, não existe. Mas, é neste contexto de realidade brasileira que vemos a contribuição que as culturas africanas trouxeram, não só para nós negros, mas para nós brasileiros. No Brasil nós não falamos o português, mas o "pretuguês", dada a fortíssima influência de línguas africanas na nossa formação histórico-cultural. Temos três séculos de escravidão; temos, durante esses três séculos — e mais ainda —, a mãe-preta amamentando a criança branca, contando as suas histórias, os seus mitos, falando o seu português — que não era o português lusitano, evidentemente — com o sotaque da sua língua materna, que é, afinal, este português que a gente fala no Brasil, muito mais musical, com muito mais ritmo... Está aí uma série de línguas africanas que os colonizados pensadores e comunicadores do nosso país chamam de "dialetos", como o quimbundo, o ioruba... e toda uma série de línguas africanas. Africanos e índios, para as elites brasileiras, são tribais, sempre, e só falam dialetos, pois língua quem fala são os europeus...

É esse tipo de trabalho que a gente tem que desenvolver para que cada branco veja que ele tem algo de negritude dentro dele, que ele tem algo de africanidade dentro dele também. Por exemplo, um tipo como o

carioca tem um jeito de ser; aliás, o brasileiro de um modo geral tem uma espontaneidade que é, tranqüilamente, marca de africanidade no modo de ser.

É trabalhar no sentido, também, de reeducar esses pensadores, esses donos da cultura para acabar com essa história de folclore de um lado e cultura de outro. Na hora da apropriação da produção cultural negra, todo mundo se apropria. Está aí o Carnaval como exemplo — que no Brasil assumiu as características que assumiu por causa da contribuição negra —, que atrai turistas por causa da presença negra, que trouxe um sotaque diferente para o Carnaval, como se observa também nas Antilhas ou no Sul dos Estados Unidos, apesar de esses não se compararem com o brasileiro. Percebe-se que o produto cultural negro é transformado em mercadoria geradora de lucro, não para esta população, que produz, mas para as companhias de turismo, para as secretarias de turismo... Então, não dá: na hora da apropriação, tudo bem; mas, no momento do reconhecimento da importância cultural dessa contribuição, a cultura negra é dita folclore.

Nós, enquanto povo, enquanto Brasil, não temos consciência de nós mesmos, das nossas origens, do nosso passado... Somos um povo sem futuro enquanto isto continuar. Não é por acaso que nós notamos várias contradições no interior, por exemplo, das esquerdas brasileiras, que assimilaram o mito da democracia racial como sendo válido, e fincaram o pé simplesmente na questão de classe; de repente, fazendo o jogo da própria direita, ao afirmar não haver problema racial no Brasil. Como disse o Millôr Fernandes, "Não existe porque o negro sabe onde é o seu lugar."

Por tudo isso, eu acho que a questão cultural é muito séria porque ela nos remete a um colonialismo, a um neo-colonialismo europeocêntrico que as classes dominantes impõem e querem continuar impondo. Neste sentido há, dentro do movimento negro, uma grande preocupação de determinados setores com um aprofundamento dessa questão porque, senão, nós estaríamos reproduzindo formas de articulações políticas e ideológicas também europeizantes.

É por aí que passa, repito, todo o fracasso das esquerdas com relação a uma penetração maior nos setores populares. Falta-lhes o reconhecimento do cultural, que não é só o europeu. Lá no Nordeste há gente dormindo em rede; e não foi o europeu que ensinou isso ao nordestino, nem a comer mandioca, tomate, abacate... E, ao mesmo tempo, esses produtores — no caso do indígena, no caso do negro — estão sendo sacrados, passando por um genocídio violentíssimo. E isso nós não podemos permitir. Como o Carlos Hasenbalg diz no nosso livro (LUGAR DE NEGRO, Editora Marco Zero Ltda., Rio, 1982): Na imagem que o Brasil faz de si mesmo, nessa imagem o negro tende à invisibilidade e, no entanto, nós somos quarenta e quatro por cento da população brasileira, e isso em termos oficiais.



CAEL - Estariam os mulatos incluídos na população negra?

LÉLIA - Exatamente. É bom notar que nos países latino-americanos, de colonização ibérica e mesmo francesa, é muito comum perceber a preocupação que existe em separar a população por categorias de cor, pois assim se domina muito mais facilmente: quem é menos escurinho fica de cima do uma de branco em cima do outro, funcionando por aí, também, a ideologia do branqueamento. Para nós, do movimento, a chamada população parda brasileira é uma população negra, sem dúvida, inclusive porque, na África, nós encontramos uma coisa só, e não uma divisão em África parda e África negra, apesar de lá povos de pele muito escura, como os mandingas, os volofos, os peules e outros com uma pele mais clara, que seriam praticamente mulatos, coexistirem.

CAEL - Darcy Ribeiro, usando o método comparativo, afirma que, enquanto nos Estados Unidos a discriminação é mais racial do que social, no Brasil acontece o inverso. Você concorda?

LÉLIA - No Brasil, é aparentemente mais social do que racial pelo fato de mais de oitenta por cento da população negra estar nos escalões inferiores da sociedade e, portanto, não estar, ainda, incomodando. No entanto, há casos típicos de discriminação, quando o negro começa a incomodar: há cerca de dois ou três anos atrás, uma família negra que foi morar em uma vila, em Ipanema, passou a receber telefonemas anônimos, a ter os muros da casa pichados com frases como "Lugar de negro é na cozinha e na favela."

É preciso caracterizar bem, em termos de sociedade brasileira, esta contradição: de um lado, há o discurso oficial, paternalista, da democracia racial; de outro, no plano privado, há o discurso do branqueamento, que se expressa nessas falas dos brancos entre si, quando dizem que "negro é sujo, é ladrão...", e nos estereótipos, que funcionam a nível mais inconsciente. Já me perguntaram várias vezes, por exemplo, ao abrir a porta, se a patroa estava em casa. Quer dizer, mulher negra só pode ser empregada doméstica — o estereótipo funciona. Há, ainda, esses casos de negros e sobretudo negras que chegam em prédios da alta classe média e o porteiro os manda entrar pela entrada de serviço; é a articulação do negro como sendo trabalhador braçal, inferior, aparecendo aqui a dimensão do social, também.

É a exploração sexual da mulher negra? Ela é utilizada — a figura da mulata caracteriza isto muito bem — como um objeto de manipulação sexual mas não é digna, por exemplo, de se casar. Eu, pessoalmente, passei por isso. O que é permitido à mulher negra é a amigação, o que eu chamo de "concubinagem" (mistura de concubinato com sacanagem); mas casamento mesmo, com papel assinado, isto não é permitido.

O Brasil é um país racista. Não é nenhum paraíso racial, como a ideologia do branqueamento tenta colocar; nem, evidentemente, a nossa situação é igual à dos Estados Unidos. Mas, por que o Terceiro Mundo

é "naturalmente" constituído de povos de cor? Por que, no nosso país, a nação de cima sobrevive às custas da produção cultural negra e chama essa produção cultural de folclore? Por que essa vergonha que o brasileiro médio tem com relação à sua ascendência racial?

Eu me recordo, a propósito disso, de um fato curioso. Certa vez eu tomei um táxi cujo motorista era uma mulher negra, mas que na "nossa" percepção seria uma mulata, inclusive de olhos verdes. Como eu estava vestida de uma maneira pouco comum, ela me perguntou se eu era estrangeira, pois eu parecia ter jeito de negra americana, e eu disse que não, que era brasileira, que apenas acabava de chegar dos Estados Unidos. Então ela disse: "Pois é. Lá eles são tão racistas, não é?" E eu falei: "Eu acho pior aqui, porque lá tudo é muito claro, tudo é muito bem definido." E ela: "Olha, eu não tenho dessas coisas de racismo, porque eu vivo com o meu preto, vivo muito bem, ele é muito bom para mim..." Quer dizer, ela falava como se ela fosse branca. E então eu disse para ela: "Você se considera branca?" E ela: "Mas preta eu não sou." E eu: "Você é negra, ora. Que história esta? Esses olhos verdes aí são descuido. Você tem todas as características de uma negra. Como é que você trata o seu companheiro de crioulo. Você é o quê? Branca, por acaso?..." Não é preciso nem dizer que ela ficou furiosa comigo. Existe essa vergonha, que é passada justamente pelo processo do branqueamento.

Há tantas figuras aí que, quando nós as vemos, concluímos que elas são claramente descendentes de negros, mas elas fazem questão de esconder isto. Há aquela história do Nelson Carneiro. Quando eu fui falar com ele a respeito do movimento negro, nas eleições de 1978, ele me disse: "Eu dou todo apoio, porque o problema de vocês é muito sério." E eu disse, de imediato: "O problema de vocês?" Ele não se vê como negro, não se considera negro; mas só ele, porque todos sabem que ele é negro. Esse processo de alienação é violentíssimo, e aponta justamente para um tipo de racismo diferente daquele dos Estados Unidos. Lá, talvez, a questão da segregação levou o negro a desenvolver uma ideologia de orgulho, que é o que nós estamos tentando fazer aqui, hoje, daí a importância da questão do cultural.

CAEL - O nosso grande Machado de Assis leu fundamente autores europeus... tendo assimilado a cultura européia...

LÉLIA - Não há qualquer dúvida de que ele foi um gênio da nossa literatura, agora um gênio da cultura européia, da cultura ocidental; não tem nada a ver com os subterrâneos da cultura brasileira. Por exemplo, há uma carta do Joaquim Nabuco para alguém que havia dito que Machado de Assis era um mulato mas era um grego, espinafrando-o, dizendo que o Machado não era mulato coisa alguma, que ele era um grego mesmo. O Machado se sentia assim; ele era profundamente complexado, em função das suas origens humildes...



CAEL - É um truísmo que a música, com o fenômeno tecnológico da comunicação de massa, é uma das ricas formas de conscientização. Como você vê a participação do negro na música?

LÉLIA - Em termos desses estereótipos todos que aí estão, existem papéis sociais positivos que o sistema concede ao negro, como o do cantor, o do compositor de música popular e o do sambista. Nessas áreas, não há o menor problema; o negro é como um objeto de divertimento, isso a nível do estereótipo. Já no nível do cultural, a grande força de produção musical do continente americano, desde os Estados Unidos até o Brasil, a grande força é a contribuição negra. Onde estão as raízes do "rock", do "jazz", dos "blues"...? Há manifestações nos mais diferentes países da América. O negro é uma fonte de musicalidade extraordinária. Isto é explicado a partir do próprio tipo de cultura do negro. Enquanto na cultura européia, o que se tem é uma estagnação, uma separação das artes, sobretudo a partir do processo de formação do capitalismo — nas culturas africanas e nas culturas americanas legítimas, isto é, as indígenas, as manifestações das ditas artes se dão de maneira totalizante: não se reza parado, mas com o corpo, dançando e pintando para os deuses, de uma maneira coletiva e muito mais totalizante. Essa musicalidade, o africano trouxe para o Brasil e para a América de um modo geral. Até para a música contemporânea erudita não há outra saída senão buscar inspiração e um desenvolvimento maior em termos dos chamados povos primitivos. Toda aquela história da superioridade cultural cai, assim, por terra.

CAEL - Qual a relação desse elemento cultural com a conscientização política?

LÉLIA - O cultural é um fator de extrema importância para essa conscientização. É isto que está ocorrendo. Vejamos o fenômeno do BLACK RIO, que foi um elemento de conscientização cultural importantíssimo. Quando aquela juventude negra se reunia nos bailes, eles percebiam uma identidade com o negro americano; e o movimento negro, que surgiu a partir dos anos setenta, tem muito a ver com o movimento do BLACK RIO, do BLACK SÃO PAULO, etc. Daquela história do "black is beautiful", os negros começaram a ver que são bonitos. Ainda esta semana aconteceu a Noite da Beleza Negra, algo que o pessoal da Bahia está exportando para os outros Estados, e que é uma tentativa de descolonização cultural e de valorização da mulher negra, não se tratando absolutamente de desfile de "miss", nem de coisas assim.

Vejamos, ainda, o fenômeno dos blocos afros da Bahia, que é extraordinário. Os *Filhos de Gandhi*, até os anos trinta, desempenharam esse papel, mas foram se institucionalizando, e hoje está muito fechado. Eu falo principalmente de *Badauê*, de *Ileaiê*, da juventude negra que se organiza, a partir de 1974, com a criação do *Ileaiê*, visando recu-

perar a sua própria cultura e os seus próprios valores. Os enredos dos blocos afros na Bahia é África contemporânea, é Zimbabwe, é Gana, é Nigéria... resgatando um elo — que no Candomblé está ligado ao passado — com a África de hoje, política. No Carnaval deste ano, um dos blocos afros mais fortes colocou um tanque na rua com o pessoal vestido de guerrilheiro, homenageando a luta de libertação africana.

CAEL - Esse processo de conscientização traz consigo ressentimento por parte dos negros?

LÉLIA - Eu acho importante que não haja ressentimentos, ir à luta com lucidez. Existem, porém, setores muito sofridos, com muita dor. Nós não devemos esquecer aquela expressão do Sartre, sobre a questão do racismo, que diz que "quando se faz com que alguém passe grande parte da sua vida com a coluna vertebral dobrada, não se pode esperar um olhar de gratidão no momento em que ele se levanta." É claro que existem coisas assim, quando alguém percebe os mecanismos do racismo sobre ele, ou do machismo, também. Não é por acaso que, em um primeiro momento, tanto no caso do movimento negro quanto no caso do movimento feminista, pode-se perceber uma radicalização ou, melhor dizendo, uma sectarização de tal ordem que, de repente, há mulher com raiva de homem, crioulo com raiva de branco. Com o aprofundamento dos movimentos, porém, esse primeiro momento deve ser superado, para que se perceba que a questão é contra ideologias que aí estão — a do racismo, a do machismo —, que tornam aqueles que são diferentes inferiores. É contra isso que estamos lutando, e é neste sentido que conseguimos a adesão de outros setores da sociedade. Até em termos de esquerda nós percebemos que, depois que o pessoal voltou do exílio, depois que sentiu na carne o que é ser discriminado, voltou compreendendo, descobrindo o Brasil de novo, o outro Brasil.

CAEL - Você tocou no processo de discriminação da mulher. O que dizer da mulher negra?

LÉLIA - A situação da mulher e do negro, neste sentido, são absolutamente semelhantes. E o caso da mulher negra ainda é pior, porque, além da discriminação sexual que ela sofre entra, também, a racial. Então ela ganha menos que o trabalhador branco, menos que o trabalhador negro, menos que a trabalhadora branca; basta, para comprovar estas afirmações, tomarmos os índices do censo de 1980. Há formas de humilhação violentíssimas no que se refere ao trabalho da mulher: há empresas que não aceitam mulheres casadas; há empresas em que as mulheres, quando casadas ou que têm uniões ditas consensuais, são obrigadas, no final do mês, a mostrar o "modess" ao capataz para que ele veja se elas estão menstruadas ou não...

Há, ainda, problemas muito sérios. Nós percebemos que o sistema se apropriou da questão da mulher — daí os programas sobre mulhe-



res, as revistas, etc. E, enquanto isso, o nosso movimento ainda não é um movimento de massas como, por exemplo, na Itália. Aqui ele ainda não saiu da classe média, embora haja tentativas de trabalhar com as mulheres de periferia.

Nota-se, na verdade, em termos de legislação, a verdadeira opressão em que as mulheres ainda vivem neste país. Do ponto de vista ideológico, há uma enorme exploração sexual da mulher. Na medida em que a sexualidade é transformada pelo capitalismo como mercadoria e como fonte de lucro — a mulher é apresentada como carne, como gado. Do ponto de vista social, cada vez mais cresce, em termos de Brasil, um tipo de categoria de mulheres que é fruto da industrialização, que é a da mulher chefe-de-família. Essas mulheres estão sobretudo nos setores mais pobres, e é interessante notar que o número dessas mulheres chefes-de-família negras é maior do que o de brancas. Essa situação, a nível de perspectivas, é muito dura, e nós temos que nos organizar para nos transformarmos, efetivamente, em um setor de pressão política.

CAEL - Você saberia dizer qual a porcentagem da população favelada no Rio de Janeiro?

LÉLIA - Eu não posso dar um índice preciso, mas é evidente que a população negra é a majoritária nas favelas do Rio, na medida em que essas favelas são constituídas de imigrantes de dentro do próprio Estado ou de fora, ou seja, principalmente de Minas, do Nordeste... de áreas onde a população é predominante negra, áreas em que a presença negra é fortíssima. Por aí nós constatamos que a maioria da população favelada é negra. Por aí e pela violência policial, pelas invasões dos barracos, pelas "blitz", etc.

Uma mãe de família negra, quando um seu filho ou o seu companheiro sai de casa, ela vive o que nós do Movimento Negro Unificado chamamos de terror cotidiano, pois ela não sabe se ele volta — a polícia pode achar que ele é um marginal e prendê-lo, desová-lo na Baixada Fluminense como presunto, após colocar um pacotinho de cocaína ou de maconha no seu bolso, dizendo ter matado um grande marginal. Não é por acaso que a população carcerária do nosso país é majoritariamente negra. E também não é por acaso que, em termos de hospitais psiquiátricos, a maioria é constituída por negros e mulheres.

CAEL - É interessante notar como a nossa legislação penal tem facilitado essa violência policial...

LÉLIA - É verdade. Pela atual Lei das Contravenções Penais, no seu artigo 59, a vadiagem é punida. Bem, a população negra, que vive praticamente no desemprego e no subemprego, está acuada pela polícia. Um ano após a Abolição da Escravatura neste país, o Código Penal estabelecia, no seu artigo 13, que não só a vadiagem mas também o jogo da capoeira era crime. Claro que não eram os brancos que jogavam capoeira então,

e nem os brancos que estavam desempregados.

É por aí que nós percebemos que o racismo no Brasil é terrível na medida em que é extremamente camuflado. Não há nada que fale diretamente do negro, mas os mecanismos estão dirigidos justamente contra ele. No mesmo ano de 1890, em que o Código Penal de que falávamos foi editado, começam as grandes migrações. A justificativa para aquela imigração européia era a de que o trabalhador nacional — e nós já sabemos que trabalhador era esse — não estava capacitado para trabalhar nas fábricas. Quem eram aqueles imigrantes que aqui chegavam? Justamente o exército industrial de reserva europeu, que não tinha uma preparação tão grande para trabalhar dentro do mercado capitalista e industrial. Essa política da imigração européia é, sem dúvida, uma articulação da ideologia do branqueamento. É bom lembrar que o Brasil, diferentemente de outros países latino-americanos, não recebeu ondas maciças de imigrantes orientais; só imigrantes europeus. A imigração japonesa é praticamente um acidente na nossa História. Desde a chegada de D. João VI aqui, a preocupação começou; era muito negro para a cabeça deles, isto aqui parecia uma África e era preciso embranquecer o país.

CAEL - A propósito da Abolição da Escravatura, parece que ela também derivou da ideologia do branqueamento, atendendo aos interesses dominantes de então, mesmo porque já naquela época havia uma organização negra, e uma abolição de fato não tardaria...

LÉLIA - Na verdade, apenas dez por cento da população negra era escrava em 1888. A Abolição atingiu justamente a população negra que estava concentrada no Sudeste. Com ela o negro, que estava no centro da produção econômica, é atirado para a periferia do novo sistema. Só aos poucos é que ele vai sendo admitido nas fábricas, como operário. As províncias, no Nordeste, já tinham entrado em um processo de decadência econômica; em 1888 praticamente todas elas já haviam libertado os seus escravos. O movimento abolicionista foi um movimento branco, evidentemente.

CAEL - Bem, Lélia, qual o seu recado final?

LÉLIA - Eu gostaria de chamar a atenção relativamente à questão da Lei Afonso Arinos, da sua pouca eficácia ante as situações efetivas de discriminação racial. Creio que deveria haver uma reformulação dessa Lei, e creio, também, que os parlamentares negros estão lutando neste sentido, se bem que em Brasília nós só temos praticamente o Abdias Nascimento.

Concretamente, aliás, a Lei Afonso Arinos tem se voltado mais contra do que a favor do negro. Os casos de discriminação são tratados como se fossem casos policiais. Um dos casos mais graves que nós temos é o do Otelino de Sousa. Há alguns anos atrás, quando ele era ain-